 Por MARIA HELENA TACHINARDI

Estrutura capitalista e sociedade moderna

Na comparação com países do BRIC, o Brasil está na dianteira em vários pontos capazes de chamar a atenção dos investidores

Lima e Silva, do IBDE: sem espaço, no país, para novas aventuras heterodoxas na economia, fator que assusta os investidores

Desde que o economista Jim O'Neill, do Goldman Sachs, criou a figura do grupo BRIC em novembro de 2001, analistas econômicos freqüentemente comparam Brasil, Rússia, índia e China sob o aspecto da atratividade de investimentos estrangeiros diretos. O que os quatro têm em comum são o enorme mercado interno e a disponibilidade dos fatores de produção em menor ou maior grau, alguns dos condicionantes que mais pesam nas decisões sobre investimentos. Entretanto, quando se analisam esses fatores e outros, como regras claras e estáveis e funcionamento do sistema político, as situações variam muito de país a país.

"Nem todos os países capitalistas atraem capital direto, e nem todas as ditaduras deixam de recebê-lo. Se formos considerar a situação do BRIC, haverá que se considerar a situação peculiar de cada país, em função de sua dotação nacional de fatores e do ambiente geral de negócios no plano mundial. O aspecto democrático talvez não seja o fator decisivo na decisão tomada pelos detentores dos capitais de risco", diz Paulo Roberto de Almeida, diplomata e professor do Centro Universitário de Brasília.

A China, de todos eles, é o país que mais vem atraindo investimentos diretos desde que passou a adotar reformas de cunho capitalista, embora ainda preserve um dos últimos sistemas totalitários do planeta. É bem verdade que o Partido Comunista chinês, ao desconcentrar o poder econômico, no longo prazo poderá provocar uma reforma do sistema político.

"O fato de que lá não existe um modelo do tipo capitalista democrático ocidental não significa que não há regras. Elas são mais turvas, menos previsíveis, mas os investidores são capazes de operar dentro dessas regras", comenta Sérgio Fausto, cientista político e coordenador de estudos e debates do Instituto Fernando Henrique Cardoso (iFHC). "Ainda que o Partido Comunista tenha o poder de, com uma penada, alterar aspectos regulatórios, predomina lá um ethos capitalista. A idéia de que possa haver mudanças nas regras é um risco negligenciável. A concepção é de que o país tem um mercado imenso, oportunidades de ganhos e disponibilidade de mão-de-obra de baixo custo."

"A Rússia, que realizou uma transição confusa e errática *em* direção ao capitalismo, não parece ter consolidado ainda um sistema político competitivo e aberto, e parece estar experimentando um retorno a um regime político 'czarista'", observa Almeida. Mas, segundo ele, a atratividade que exercerá sobre o investidor estrangeiro vai depender do tipo de regulação que o Estado oferecerá nas áreas em que ela apresenta suas vantagens comparativas mais evidentes: recursos minerais, principalmente petróleo e gás.

"Não há dúvida de que a índia tem um regime democrático, embora com componentes sociais extremamente redutores das franquias democráticas, não só derivados de seu regime de castas, mas igualmente em função da reduzida educação formal de grande parte de sua população", analisa Almeida. De toda forma, a atração do capital estrangeiro pela índia não está tanto determinada por esse aspecto, e sim por sua crescente integração à economia mundial, rompendo décadas de relativo isolamento autárquico."

Dos quatro integrantes do BRIC, o Brasil é o que tem estruturas capitalis-

INSTTTUTIONS BY MARIA HELENA TACHINARDI

CAPITALIST STRUCTURE AND MODERN **SOCIETY**

Compared to other BRIC countries, Brazil is at the forefront in various áreas

Ever since Goldman Sachs economist Jim 0'Neill created the BRIC group concept in November 2001, economic analysts have frequently compared Brazil, Rússia, índia and China from the point of view of how attractive they are to direct foreign investment. What the four have in common are their enormous domestic markets and the availability, to a greater of lesser extent, of production factors, which are two aspects that weigh heavily in any decision about where to invest. However, when these factors and others are anaiyzed, such as clear and stable rules and the functioning of the political system, the situations vary considerably from country to country.

"Not all capitalist countries attract direct capital and not all dictatorships lose out when it cornes to receiving this same capital. If we consider the situation of the BRIC group we have to consider the particular situation of each one as a function of what factors they are endowed with as a nation and the general business environment on a world level. The democratic aspect is perhaps the deciding factor when those who own the risk capital make their decisíons," says Paulo Roberto de Almeida, diplomat and professor of the Brasília University Center(UniCEUB).

Of the four, China is the country that has been attracting most direct investment since it started undertaking capitalist-like reforms, although it still has one of the last total itarian systems on the planet It is true that the Chinese Communist Party, by diluting centraíized economic power, may bring about a reform of the political system over the long term.

"The fact that they have no Western-style democratic capitalist model does not mean that there are no rules. They are hazier and less predictable but investors are able to work within these rules," comments Sérgio Fausto, political scientist and coordinator of studies and debates at the Fernando Henrique Cardoso Institute (iFHC). "Even though the Communist Party has the power to change regulatory aspects at the stroke of *a* pen a capitalist ethos predominates. The idea that there the rufes may change is a negligible risk. The conception is that the country has a huge market with opportunities for earning profit and availability of cheap labor."

"Rússia, whose transition to capitalism was confused and erratic, seems not yet to have Consolidated a competitive and open political system and seems to be experimenting with a return to a 'tsarist' political regime", observes Almeida, "but the attraction it has to foreign investors will depend on the type of regulation that

tas mais avançadas e ostenta a mais moderna dentre as três sociedades. "A sociedade brasileira é a mais integrada - nos planos lingüístico, cultural, étnico e, talvez, religioso-, o que permite, em princípio, melhores formas de administração política, sem rupturas institucionais, e condições mais favoráveis para sua modernização. O grau de democratização social pode tornar mais lento o ritmo de crescimento e os processos de adaptação aos novos ambientes, mas isso contribui para maior coesão em torno de objetivos nacionais", diz Almeida.

Entretanto, segundo ele, o Brasil apresenta vantagens muito relativas. "A despeito de seu regime político consolidado, o ambiente empresarial ainda deixa a desejar, com fatores negativos como alta tributação sobre os lucros, a mão-de-obra e as transações financeiras, logística nem sempre favorável, baixo crescimento da economia (apesar do grande mercado interno), facilidades apenas aceitáveis no plano do comércio internacional, com alto grau de proteção em determinados setores."

Na avaliação de Sérgio Fausto, investimentos estrangeiros diretos desembarcam em grande volume no Brasil porque os fatores de atração propriamente econômicos são muito fortes. O país tem recebido volumes crescentes de capital produtivo, "a despeito de uma certa confusão com a insegurança jurídica que predomina no país. A média empresa sabe a dificuldade que é operar no Brasil. A Justiça é morosa - a possibilidade de recurso é quase infinita -, há as questões trabalhistas e as de natureza tributária. O custo de adaptação é alto. As leis são formuladas de maneira ambígua e alteradas por meio de intervenções do Executivo".

Porém, o que o investidor quer *é* a ordem e a previsibilidade. Nesse sentido, o Brasil, ao contrário da China, já fez a transição rural-urbana, foco potencial de instabilidade e, do ponto de vista dos investidores, o país criou um ativo na transição FHC-Lula. Esse ativo é o fato de que as instituições foram preservadas. Isso, aliado a uma coisa intangível, que é o amadurecimento da sociedade, da mentalidade dos dirigentes políticos e da opinião média do eleitorado, fez com que não houvesse ruptura na passagem, analisa Sérgio Fausto.

Já o que preocupa na China é a possibilidade de perturbação da ordem social, segundo Fausto. A causa do capital é o lucro. "O que importa é que há um imenso deslocamento populacional rural-urbano naquele país. Isso é sinônimo de potencial encrenca, pois as pessoas estão se desconectando de seu ambiente inicial para uma economia capitalista com mecanismos de proteção não instituídos. É preciso que a China garanta uma taxa de crescimento enorme. Qualquer coisa abaixo de 8% acende o sinal amarelo."

O advogado Maury Sérgio Lima e Silva, professor e conselheiro do Instituto Brasileiro de Estudos do Direito de Energia (IBDE), não vê espaço, no Brasil, para novas aventuras heterodoxas na economia, o que sempre assusta os investidores. "Pagamos um alto preço decorrente de políticas econômicas que levaram a surtos inflacionários. Desigualdades sociais e inexistência de um mercado interno nunca foram preocupações para um país agrário, exportador por natureza, mas se mostraram extremamente importantes e graves no desenvolvimento

INSTITUTIONS

the State puts forward in those áreas where it has the most obvious comparative advantages: mineral resources, mainly oil and gas."

There is no doubt that índia has a democratic regime, although it has social components that reduce the democratic franchise to a great extent, derived not only from its caste system, but equally because of the reduced level of formal education of most of its population," says Almeida. In any case, India's attractiveness is not so much determined by this aspect but by its growing integration within the global economy."

Of the four members of the BRIC group Brazil is the one that has the most advanced capitalist structures and boasts the most modern society when compared with the other three. "Brazílian society is the most integrated at the linguistic, cultural, ethnic and perhaps religious level, which in principie allows it to have better fortns of political administration, without any institutional breaks and conditions that are more favorable to its modernization.

However, according to Almeida, Brazil's advantages are relative. "Despite its consolidated political regime the business environment still leaves a lot to be desired, with negative factors like high taxation on profits and labor and financial transactions, logistics that are not always favorable, low economic growth and merely acceptable facilities for international trade, with *a* high degree of protectionism in certain sectors."

According to Sérgio Fausto, foreign direct investments carne in great volumes to Brazil because its economic attraction factors are very strong. The country has received growing volumes of production capital "despite the legal insecurity that reigns in the country. Médium size companies know how difficult it is to operate in Brazil. Justice is slow and there are labor-law and tax issues. The cost of adapting is high."

Lawyer Maury Sérgio Lima e Silva, a professor and board member of the Brazilian Institute of Energy Law sees no room in Brazil for new heterodox adventures in the economy, which always frightens off investors. "We've paid a high price as a result of the economic policies that led to bouts of inflation. Social inequality and the non-existence of *a* domestic market never were concerns for an agricultural country and an exporter by nature, but they proved to be extremely significant and serious when it came to developing a country that desires to be a world power."

One thing is certain: the foreign direct investments that will flow into Brazil will be increasingly long-term, because the greatest demand over the next few years will be for infrastructure. As a result the legal security reguirements will be greater, for example, in the area of public works concessions, says Fausto. "Legal security is a broad concept. One aspect will have more weight than another. Labor and tax issues, the remittance of funds, the environmental question and property rights have different weights, depending on the investment."

de um país que tem ganância de ser potência mundial", avalia.

Uma coisa é certa: os investimentos estrangeiros diretos para o Brasil serão cada vez mais de longo prazo, porque a demanda maior nos próximos anos estará em infraestrutura. Com isso, serão maiores as exigências de segurança jurídica, por exemplo, na área de concessões de obras públicas, segundo Fausto. Nessa área, segurança jurídica é mais importante do que para a empresa que está abrindo uma rede comercial de maior porte no país. "A segurança jurídica é um conceito abrangente.Um aspecto terá mais peso do que outro. Assuntos trabalhistas, tributários, envio de fluxos de recursos, questão ambiental e direitos de propriedade têm pesos distintos, dependendo do investimento."

Além disso, o investidor internacional também leva em conta as mudanças regulatórias e a modernização do ambiente de negócios. No Brasil, esses fatores - que deveriam servir de atrativos adicionais ao capital estrangeiro, com reformas nos sistemas trabalhista e judiciário-têm demorado mais do que seria desejável, diminuindo, portanto, o grau de atratividade para o investimento externo, na opinião de Almeida.

David Bunce, líder da área de finanças corporativas da KPMG brasileira e presidente da empresa para a América do Sul, avalia que, de forma geral, há segurança jurídica no Brasil, embora "o sistema jurídico não seja perfeito, principalmente pela lentidão dos processos. Ninguém, ou quase ninguém, questiona a qualidade do Judiciário brasileiro em termos de uma decisão final. Existe confiança, o que incomoda é a lentidão. É comum um processo levar dez anos para chegar ao final. Temos regulações de interpretação dúbia. O investidor tem de aguardar, muitas vezes, de 10 a 20 anos para a solução do problema".

Lima e Silva afirma que "segurança é apenas um dos componentes que levam ao investimento, e não é o mais importante. China e índia dão ao investidor uma perspectiva de retorno mais rápido e em maior volume. Ambos possuem população acima de 1 bilhão de habitantes e com grande expectativa de crescimento do consumo interno. A Rússia, embora com a menor população entre os países do BRIC, é o que tem o povo mais bem preparado culturalmente, com forte retração de consumo, mas com bons meios de produção e ótimos recursos naturais".

Para esse consultor, "só com segurança o Brasil não conseguirá atrair o volume de investimentos que os outros países, com mercado interno em crescimento, obtêm. Ou o mercado interno brasileiro cresce e, em decorrência, a poupança nacional, ou não seremos páreo para os outros membros do BRIC".

Karl Sauvant, diretor-executivo do Vale Columbia Center on Sustainable International Investment, em Nova York, diz que "o importante são a previsibilidade e a estabilidade das regras. O Brasil tem um Judiciário que trabalha eficiente e objetivamente". Além disso, o principal determinante do investimento direto estrangeiro é sempre de ordem econômica: crescimento da economia, tamanho do mercado e qualidade da infraestrutura. "O Brasil satisfaz essas três condições, mas precisa melhorar a sua infraestrutura. O país está indo bem e não surpreende, portanto, que atraia grandes volumes de investimentos."

Na opinião de Sérgio Fausto, "o Brasil mudou de liga. A América Latina ficou pequena para o Brasil, que deve ser comparado com os integrantes da liga de cima, o mundo dos países desenvolvidos, das grandes economias emergentes. O Brasil tem que jogar com as suas vantagens: tamanho de mercado, oferta de mão-de-obra e de recursos naturais. Na comparação com a China, o Brasil tem a vantagem de uma relação pacífica com os seus vizinhos. Já o sul da Ásia é uma região com uma dinâmica quase conflagrada. Esse é um problema temido pelos investidores de longo prazo".

Fausto, do iFHC: uma vantagem do Brasil é, ao contrário da China, já ter feito a transição rural-urbana, foco de instabilidade

TACHINARDI, Maria Helena. Estrutura capitalista e sociedade moderna. **Valor Especial**, São Paulo, p. 70-74, mar. 2009.